



UNICAMP

A TRILHA MUSICAL DE SCOTT BRADLEY

Caio Fiori Bertazzoli (Bolsista PIBIC/CNPQ);
Claudiney Carrasco (Orientador)

INSTITUTO DE ARTES - UNICAMP

Trilha musical - Scott Bradley - Animação - Tom and Jerry

Introdução

-Breve Contextualização Histórica

Para melhor compreender o trabalho feito por Scott Bradley e a equipe da MGM nos episódios de Tom e Jerry nas décadas de 40 e 50, faz-se necessário entender o contexto em que tal obra foi criada. Era o período áureo do cinema. A crise travada pelo surgimento do cinema falado (e as suas complicações técnicas) já havia passado. Esta indústria já estava muito bem estabelecida desde antes da década de 20 e o pequeno solavanco provocado pelo surgimento do som no cinema já era coisa do passado. O evento social "ir ao cinema" era uma prática corriqueira dos americanos e a indústria investia pesadamente no setor. Parte do investimento voltou-se cada vez mais para uma área específica: o cinema de animação. O mercado de animações curtas (em média de 7 minutos) cresceu muito a partir da década de 30. Os episódios de Tom e Jerry eram feitos em média, um a cada dois ou três meses. Isso proporcionava uma grande quantidade de tempo para planejamento e produção. Não estando obrigado a produzir em quantidade como se faz hoje para a televisão, o processo obviamente poderia ser mais bem lapidado. Soma-se a isto, o grande e muito generoso orçamento de \$50.000,00 por episódio, quantia bastante elevada para a época. O resultado era um trabalho de artesãos, meticulosamente pensado e criado para entreter a grande massa freqüentadora dos cinemas, num período de exuberância econômica com a superação da crise de 29.

Decidida a criar uma divisão de *cartoons* na sua empresa e a parar de comprar desenhos prontos da Hugh Harman/Rudolf Ising Company, a MGM contratou os melhores profissionais disponíveis no período, e, em 1938, entram para a equipe William Hanna e Joseph Barbera, aliados ao produtor Fred Quimby. Para compor as trilhas musicais chamaram um ex-funcionário da Disney e da Hugh Harman/Rudolf Ising Company: Scott Bradley.

-Pequena Biografia do Compositor

Scott Bradley nasceu em Russellville, Arkansas em 26 de novembro de 1891. Trabalhou com animações pela primeira vez em Los Angeles, no então ainda pequeno Disney Studios como pianista. Por lá também trabalhou outro grande nome das trilhas musicais de *cartoons* Carl Stalling, que "mais tarde mudou-se para a Warner Bros. trabalhando em mais de 600 desenhos da Looney Toons e Merrie Melodies", segundo Peter Morris. Posteriormente, em 1934, foi para a Hugh Harman/Rudolf Ising Company, até ser contratado pela MGM em 1938 para integrar a equipe de Fred Quimby. Aposentou-se da composição de trilhas para desenhos com o fechamento da divisão de *cartoons* da MGM em 1958.

Análise da obra musical

Bradley fazia questão de basear a maior parte da sua trilha em música original de sua composição, em poucas ocasiões abrindo exceção para temas prontos.

Podemos ver como Bradley não apenas acompanhava a ação na sua maneira mais literal, mas como fazia da música de Tom e Jerry um funcionamento contrapontístico.

O fato de, em alguns casos, a música ter sido composta anteriormente ao desenho e de algumas vezes funcionar como sugestão de uma ação sem a imagem de fato, mostra como esta hierarquia da imagem sobre a música não se aplica sempre. Não é paralelização, a relação nestas trilhas não é de superioridade da imagem sobre a música. É uma relação horizontal, de mútua determinação e não apenas vertical, de preponderância da imagem, marcada pela idéia do contraponto. Não se trata apenas de mimetizar movimentos físicos ou emocionais. Trata-se de uma íntima conversa entre imagem e música em que uma não pode prescindir da outra. Em Tom e Jerry, muitas das imagens podem perder grande parte de seu sentido fundamental sem a música, pois esta contribui enormemente para o entendimento do que se passa na tela. Este entendimento não significa uma compreensão da história ou a compreensão racional da imagem. A música ajuda a entender, em muitos casos, o ritmo do desenho, o ambiente em que se passa a ação, a intenção de um ato, e assim por diante. Por vezes, em um movimento qualquer como um pulo ou no pegar de um objeto, a música pode também descrever melhor a forma deste movimento; se é feito de maneira mais desajeitada ou mais assertiva, por exemplo.

Conclusão

Foi possível notar que Scott Bradley escolheu como ponto de partida para as composições em Tom e Jerry, a inovação em relação ao que estava sendo feito até então na área de trilhas para animações no período. Bradley pensou seu trabalho na MGM como uma possibilidade de experimentação e interação entre música e imagem, ousando em recursos de instrumentação, melodia e harmonia. Ao contrário do que poderia se esperar, a sua ousadia funcionou como um elemento de surpresa e empolgação para o espectador e não de estranhamento e aversão. Ariscar-se a inovar é estar sempre sujeito a rejeição, mas Bradley conseguiu incorporar tão bem elementos completamente estranhos ao universo musical do espectador típico à sua trilha, que não causou desconforto e estranheza à platéia. Sem perceber, o espectador comum de Tom e Jerry era levado a passear por mundo novo de melodias atonais, harmonias fora do padrão e orquestração ousada.

Durante seus anos na MGM, Bradley ministrava diversas palestras e encontros sempre ressaltando o caráter experimental das animações, como este mundo era um vasto campo para o compositor criar e como ele gostaria que as trilhas musicais para animações fossem vistas com a seriedade que ele as via. Em uma destas oportunidades, em 1940, Bradley disse: "Bem então é assim: experimentação, tentativa e erro. Se funcionar, use, se não, jogue fora e tente de novo pois nós sempre devemos progredir e nunca ficar satisfeitos em usar a mesma fórmula, do contrário, a i n d a estaríamos escrevendo escalas diatônicas e cromáticas". De fato, Bradley foi pioneiro em usar a música moderna de Schoenberg e outros compositores das escolas Dodecafônica e Serialista. Este tipo de abordagem musical só começou a aparecer no cinema não de animação na década de 50, fazendo com que o seu uso no início da década de 40 torne Scott Bradley um compositor bastante avançado, preocupado em inovar também como compositor, acompanhando de perto os últimos desenvolvimentos no campo da música.



"Parecia-me que quase qualquer um poderia coletar uma porção de temas infantis e canções rápidas, cola-las juntas com apitos e outros barulhos e chamar isso de uma partitura para desenho. Então eu resolvi trabalhar com composições que adicionassem significado à imagem, que fossem musicalmente interessantes e divertidas"



-Fragmentação

A trilha musical e Tom e Jerry é nitidamente fragmentada. Isto era bastante diferente das trilhas de desenho animado feitas até a década de 30. Um episódio de 7 minutos poderia ter entre 400 e 500 compassos, sem que uma única idéia musical se repetisse por mais de alguns deles.

-Shock-chord

O termo significa literalmente "acorde de choque". Era um recurso usado por Bradley para representar momentos de súbito susto e terror. O uso desses acordes tornou-se marcante nas suas trilhas, ocorrendo com enorme freqüência. São acordes de grande dissonância harmônica e tímbrica, servindo como uma excelente substituição para efeitos sonoros. Os exemplos são inúmeros.

-Dissonâncias

A linguagem melódica e harmônica de Bradley era rica e variada, indo das sonoridades tradicionais e passando por Stravinsky e Schoenberg. Era comum instrumentos tocarem em intervalos de tom, semi-tom ou em tonalidades diferentes, criando um ambiente musical incongruente e satírico, típico da linguagem do compositor.

-Música e Efeito sonoro

Bradley incorporou à sua música o maior número de efeitos sonoros possíveis, quebrando o entendimento comum do efeito sonoro como algo separado da trilha musical. Nesta abordagem, a música deve ser capaz de traduzir como alguma coisa soa e como é sentida. Para isso ela deve fazer com que a ação de um impacto ressoe o suficiente para causar ao espectador a sensação dolorosa da pancada. Quando algo cai em um desenho, é necessário que seja possível atribuir a este objeto a noção de peso, violência e dor. O peso é dado pelo registro dos instrumentos, a violência, pela complexidade e velocidade da linha melódica e a dor, por acordes penetrantes e incisivos.

-A Orquestra do Maestro Bradley

Era esperado que se soubesse tocar frases pouco comuns, que exigiam grande precisão técnica, tocar fora de tonalidades convencionais ou até mesmo em completa desafinação.

Bibliografia

- CARRASCO, Ney. Sygkronos – A formação da poética musical do cinema. São Paulo, Via Lettera, 2003.
- PRENDERGAST, Roy. Film music – A neglected art. New York, WW Norton, 1977.
- TAYLOR, Yuval e GOLDMARK, Daniel (Editors). The Cartoon Music Book. Chicago, A Cappella Books, 2002.
- GOLDMARK, Daniel. Tunes for Toons. Los Angeles. University of California Press 2005.
- MORRIS, Peter. Playing Cat and Mouse. BBC Music Magazine, 2007, London: BBC Enterprises

Metodologia

Ao trabalhar com a análise da obra de Scott Bradley, passamos por diversas abordagens possíveis para fazê-lo. A metodologia utilizada variou ao longo da pesquisa em grande parte pela falta de material teórico disponível sobre a trilha musical de animações. Deste modo, as primeiras tentativas foram aplicar os métodos conhecidos para a análise de filmes, utilizando os termos conhecidos desta área como *leitmotiv*, música diegética, música não diegética, *pantomima*, som naturalista, síntese temática, entre outros. A análise seria feita em cima da totalidade dos episódios, assim como é feita em cima de um filme completo. Esta maneira, porém, mostrou-se bastante difícil por que as características da obra de Bradley não se revelam ao longo de um único episódio, mas ao longo de vários episódios produzidos. Como um único desenho contém uma quantidade muito grande de informação pelo fato de a música ser praticamente ininterrupta, uma análise específica de cada movimento musical pareceu-nos bastante infrutífera pois não revelaria para nós o sentido do universo musical criado por Bradley ao longo dos anos. Em momento algum achamos que analisar especificamente e detalhadamente cada episódio seria uma abordagem incorreta, mas apenas supusemos que não seria produtiva no contexto de uma iniciação científica. Optamos então por uma visão mais ampla, de modo a captar as principais características da obra analisada, sem cair antecipadamente em especificidades e aspectos muito detalhistas.

Alguns Métodos de Bradley

